



POEMAS REBELDES VOL.4

AUTOR: LETTERIO SANTORO

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP. DEZEMBRO 2016



REDES SOCIAIS

@associacaodepoetaseescritoresdegarca

@tirasfido

@minhahistoriaapeg



SITES

www.apegletras.blogspot.com

www.minhahistoria.rf.gd

ASSOCIAÇÃO DE POETAS E ESCRITORES DE GARÇA (APEG)

Criada em 16 de janeiro de 2005, numa tarde de um domingo chuvoso, na sede da Associação de Aposentados e Pensionistas de Garça durante a sua primeira reunião onde estavam presentes seus 11 fundadores: Afonso Cesar Caffer, Aparecido Pereira, Célia Regina Nogueira Izar, Danela Maria da Silva, Eliane de Santana Mina, Fagner Roberto Sitta da Silva, Jacira Machado, Juliana Kaori Nakata Albino, Letterio Santoro, Luiz Maurício Teck de Barros, Maria do Rosário Pedrazza Sêga e Sebastião Donizete Limpo.

Este grupo foi o marco inicial da Associação e do movimento literário do município, já que a idéia de sua fundação partiu da experiência trazida por uma criança de 11 anos que participava da APEM - Associação dos Poetas e Escritores de Marília. Com isso os poetas e escritores locais sentiram a necessidade de se agruparem também, numa associação aos moldes da que em Marília já tinha dois anos de atividades.

POEMAS REBELDES VOL.4



(Francisco – quadro de Alfredo Volpi, tirado da internet)

Autor: Letterio Santoro

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP, DEZEMBRO 2016

EPÍGRAFES

“...que na doidice só consiste o siso.” *(Luiz de Camões)*

“...se não é siso um pouco de loucura.” *(Luiz de Camões)*

“...a piè del vero il dubbio;...” *(Dante Alighieri)*

“...che non men che saver, dubbiar m’ aggrata.” *(Dante Alighieri)*

“...libertà va cercando, ch’ è sì cara,
come sa chi per lei vita rifiuta.” *(Dante Alighieri)*

“ Nasci para ser... E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter mêdo. Ter mêdo nenhum. Não tive! ” *(Guimarães Rosa)*

“Não tenhais receio do rei de Babilônia que tanto temeis.” *(Jer 42,11)*

“Eu sou mais forte do que eu.”
(Clarice Lispector, in Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres)

“Não sou meu sobrevivente, mas sim meu contemporâneo.” *(Murilo Mendes)*

“Eu quis acender o espírito da vida,
.....
Me rebelei contra Deus,
.....
Então o ditador do mundo
Mandou me prender no Pão de Açúcar:
.....
Mas não posso pedir perdão.”
(Murilo Mendes, in Novíssimo Prometeu)

“...sempre contente, nunca satisfeito!” *(Letterio Santoro, in Travessia)*

“Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito

*e, através do deserto, guiei vocês durante quarenta anos,
a fim de os tornar proprietários da terra dos amorreus.” (Am 2,10)*

“...morir cuerdo y vivir loco.” (Cervantes, in Dom Quixote)

DEDICATÓRIA

A
todos (as)
os (as) rebeldes
de todas as idades e tempos
a expressar a sua indignação
contra todo tipo de opressão e injustiça.

PERFIL DO POETA

LETTERIO SANTORO, filho de Pasquale Santoro e Maria Teresa Mantuano Santoro, é italiano de nascimento (30.01.1940, em Fuscaldo, província de Cosenza), brasileiro naturalizado (1968) e garcense de coração (desde 29.12.1988, quando se mudou para cá). Em 1947, sua família, em função da guerra, emigrou para o Brasil, fixando residência no então Distrito de Entre Folhas, da gentil cidade de Caratinga, nas Minas Gerais, onde seu pai introduziu o sorvete. Em 1950, mudaram-se para São Paulo. O autor terminou o ensino primário em 1952, no Grupo Escolar Almirante Barroso, no bairro do Jabaquara, com a severa Prof^a Francisca Benedita Catão, que premiou uma reprodução sua sobre a Lenda do Miosótis com a transcrição no Livro dos Melhores Trabalhos.

Durante onze anos (de 1953 a 1964), estudou em Seminários Menores (ginásio e colegial) e Maiores (Filosofia e Teologia), depois dos quais cursou a Faculdade de Educação da USP à noite, e trabalhou durante o dia nos primeiros empregos. Casado com a artista plástica Judite Zago Santoro, tem dois filhos (Leonardo e Beatriz Zago Santoro) e três netos (Cauê, Maria Gabriela e Alice). Trabalhou durante 14 anos no SENAC/SP e 21 anos na FEBEM/SP (até 13 de abril de 2006). Aposentado desde 2003.

Embora escreva sistematicamente desde o final de sua adolescência em 1958, quando, nos silêncios do Seminário do Ibaté, S. Roque/SP, registrava, em Diário, suas observações e sentimentos, na verdade, só a partir de 1989 colabora efetivamente como poeta, cronista e contista em diversos jornais da cidade de Garça, de modo especial, ultimamente, na coluna Opinião do Comarca de Garça. Suas crônicas tratam basicamente de cidadania e da luta pela conquista dos direitos. De 1994 até agora, na Festa das Cerejeiras, distribui aos visitantes, com ou sem patrocínio de empresas locais, um poema diferente a cada ano. O que lhe mereceu oficiosamente em 2007, por parte de um grupo de artistas locais, o título de “Poeta das Cerejeiras de Garça.”

Cristão, esforça-se por viver a sua fé nas diversas comunidades de que participa. Pertenceu ao grupo de coordenação dos Casais em 2^a União da Diocese de Marília (entre 2000 e 2016), e à Pastoral da Comunicação (programas de rádio até 2016). É membro da Sociedade de São Vicente de Paulo. De agosto de 2007 a junho de 2015 frequentou semanalmente o Grupo de Estudos Bíblicos Santa Clara que ajudou a criar.

É filiado e militante do Partido dos Trabalhadores desde a sua fundação, tendo sido candidato a Vereador (em 1992, 2000, 2008, 2012 e 2016) e a Vice-Prefeito (1996). Gosta de Política como serviço à cidadania em busca do bem comum e não como poder sobre a população, frequentando sistematicamente, às segundas-feiras, as Sessões da Câmara Municipal de Garça desde 1989.

Apaixonado por literatura desde os tempos de colégio, onde colaborava com pequenas crônicas no jornalzinho interno Ecos da Tribuna, e participava de Círculos e Grêmios Literários, em 16.01.2005 ajudou a fundar a APEG – Associação de Poetas e Escritores de Garça. Vive hoje sob o signo da Poesia.

Em edições muito limitadas e a expensas próprias, o autor publicou os seguintes livros de poesia: Romanceiro de Garça (2005), seu primeiro livro; Travessia: década de 70 (2005); Travessia: década de 80 (2005); Travessia: década de 90 (2006); e Poemas do Jubileu (2006), organizado para comemorar as bodas de ouro do autor com a poesia (1956 – 2006); e em 2007 publicou O Eu Herói e Amor Plural, abrangendo a sua visão de amor sob diversos ângulos. Publicou ainda: Romanceiro de Garça (segunda edição revista e ampliada) (2008); Sonetos da Vida Inteira (2010); Lições das Cerejeiras – 1º vol. (2010), com a coletânea completa dos poemas distribuídos nas Festas das Cerejeiras em edição de bolso. Os livros Poemas para meu Povo: 2001-2005 (2010), e Poemas para meu Povo: 2006-2010 (2011) e Poemas para meu Povo (1989-2000) (2011) contêm os poemas publicados mensalmente na imprensa local. Ainda em 2011: Travessia (2001-2010), Lições das Cerejeiras – 2º vol., Livro de Haicais e Poemas de Natal. Em 2012 editou Poemas do Mar, Mãe-Terra (Poemas Ecológicos), Alma de Profeta (Poemas Religiosos), Antologia Poética, Elegias (Poemas sobre a Morte) e Momentos (Poemas da Infância e da Adolescência).

Em parceria com outros poetas locais participou da Antologia do Primeiro Encontro Poético em Garça (1997) e do livro Poetas Reunidos nº 1 (2006). Organizou até agora os livros das séries Poetas Reunidos (I a V) e Todos Cantam Sua Terra (I a III).

Vem editando a série de livros próprios, denominada Crônica do Cidadão (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), com crônicas semanais publicadas em jornais da cidade. Em 2010 começa a publicar pequenos contos, escritos na década de 70, enfeixados sob o nome de Divagações de Ulisses e Variações sobre o mesmo tema. Além

de Festa de Páscoa (uma história da Febem). Em 2011 publicou ainda Iniciação de um Menino Tímido e outras histórias. Com outros escritores da APEG, publicou a obra Crônicas Garcenses, versando sobre aspectos desta mui nobre e gentil cidade de Garça.

Em 1995 participou, com seu poema Zumbi dos Palmares, do livro Mil Poetas Brasileiros, organizado por Toni Carré (RS).

Em Garça concorreu algumas vezes do Projeto Raça, obtendo o seu poema Ladainha da Penitência o primeiro lugar. No Mapa Cultural Paulista, um poema seu (Construtor de Presépio) passou para a fase estadual, outro (Ousadia) participou da fase regional, um conto (A Imprevisível Madame T.) e duas crônicas (Aventura Inesquecível e Que é do Menino?) foram classificados na fase estadual, tendo sido publicados respectivamente nos livros do Mapa Cultural Paulista Literatura - Edição 95, Edição 2011-2012 e Edição 2013-2014.

De 2005 até o mês de setembro de 2016, o autor conseguiu publicar 48 (quarenta e oito) livros de sua própria lavra (Veja no final do livro a Cronologia da Obra de Letterio Santoro), além de ter organizado, geralmente a expensas próprias, 12 livros individuais e coletivos.

APRESENTAÇÃO

Foi no dia 12.08.2016 que decidi organizar meu novo livro, denominado Poemas Rebeldes. Gostei do título sob o qual publicarei certos poemas onde manifesto meu espírito rebelde.

O adolescente é rebelde por natureza; o adulto e o idoso podem ser rebeldes por opção. Eu me considero um rebelde por opção. Na velhice cabe bem me apresentar com esse espírito de rebeldia diante de meus concidadãos, especialmente o leitor.

Interessante eu buscar esses poemas rebeldes no âmago de meus livros já estampados há dez anos, mas escritos vários há mais de quarenta anos. Desde o primeiro da série Travessia (2005) até o último da série Poemas para meu Povo (2016). Portanto estou peneirando poemas rebeldes ao longo de minha vida. Até para provar meu inconformismo com a realidade dura e cruel com a qual nos conformamos vida afora.

Mas uma surpresa me flagrou, quando buscava uma figura para estampar na capa da obra. Descubro de repente um Francisco, de espantosa simplicidade, pintado por Alfredo Volpi, a significar, em óleo sobre tela, minha rebeldia expressa em arte literária. Francisco, homem do milênio, foi em sua humildade, em sua graça, em sua santidade, um dos homens mais rebeldes que houve no mundo, a exemplo de seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, “rosto divino do homem” e “rosto humano de Deus”. Cristo. Francisco. Nós.

Gostaria muito que meus poemas rebeldes fossem tão radicalmente rebeldes quanto esse Francisco, de Alfredo Volpi.

Letterio Santoro

12.08.2016

Índice Dinâmico

121. Marília de Dirceu– [p.10](#)
122. Ó Seriema!– [p.11](#)
123. Situação– [p.13](#)
124. Visão da praça– [p.14](#)
125. Sinais dos tempos– [p.15](#)
126. Ó Palavra!– [p.16](#)
127. Dia da professora Ivete– [p.18](#)
128. Mistério de Itaici– [p.19](#)
129. Presépio– [p.20](#)
130. Resistência(3)– [p.21](#)
131. Ousadia(1)– [p.22](#)
132. Dupla– [p.23](#)
133. Beatriz– [p.24](#)
134. Arte– [p.25](#)
135. Revolução(2)– [p.26](#)
136. Vitória– [p.27](#)
137. Educação– [p.28](#)
138. Caminho– [p.29](#)
139. Fraternidade– [p.30](#)
140. Ousadia(2)– [p.31](#)
141. Confiança–[p.32](#)
142. O Cristo de Gauguin– [p.33](#)
143. A flores da Ui – [p.35](#)
144. Liberdade(3)– [p.37](#)
145. Transformação– [p.38](#)
146. Gabriela– [p.39](#)
147. Libertação– [p.40](#)
148. Ousadia(4)– [p.41](#)
149. Cântico das ruínas – [p.43](#)
150. A tormenta– [p.44](#)
151. Canarinho– [p.46](#)
152. Minha terra prometida– [p.47](#)
153. Flor do deserto– [p.49](#)
154. O mal da perfeição– [p.51](#)
155. Sedução(da morte)– [p.54](#)
156. Agonia de são João da Cruz– [p.55](#)
157. Minha sala de trabalho– [p.58](#)
158. Viagens com Priscila– [p.59](#)
159. Soneto ao pé de Espirradeira– [p.60](#)
160. Meu poema– [p.61](#)

MARÍLIA DE DIRCEU

“Marília, Marília bela,
Serás a minha estrela!”
(Tomás Antônio Gonzaga)

1.

MARÍLIA é a liberdade,
donzela cheia de graça,
que o adolescente perdeu.

2.

Mas, enquanto na desgraça,
suspira só por MARÍLIA
o esperançoso Dirceu!

(Aos adolescentes internos da UI MARÍLIA)

04.07.2001

Ó SERIEMA!

Ouço
do fundo
da memória,
ex-ta-si-a-do,
a voz da Seriema
do colégio do Ibaté!

Trazes
contigo,
feito Pã,
ó Seriema,
doces recordações
da distante adolescência!

Paz,
estudo,
o silêncio,
a liberdade
das manhãs de domingo,
passeios das quintas feiras.

Sombras
do bosque,
s-o-l-i-d-ã-o
e fantasias
dos tempos de criança
rabiscadas no papel.

Nada
de triste
tu me lembras,
ó S-e-r-i-e-m-a!

Em tua voz, a graça
desta vida se renova!
Agosto / 2001

SITUAÇÃO

Os deuses não me deram
conviver com eles no Olimpo;
mas não fui condenado
a rastejar por sobre a terra:
tornei-me uma andorinha
extasiada com o Sol!

17.08.2001

VISÃO DA PRAÇA

Do estreito limite
da Praça de minha infância,
nos altos da colina,
avisto,
como sedução
para o infinito, o Mar:
tão próximo e tão distante!

27.10.2001

SINAIS DOS TEMPOS

Os
aviões-bomba,
suicidamente atirados
contra os Centros do Poder
econômico, militar e político
dos Estados Unidos,
não seriam como
o ataque dos godos
contra os bastiões de Roma
por tropas do rei Alarico,
que Agostinho descreverá
em nova Cidade de Deus?

O
estrondo,
a destruição, a nuvem
de pó das bombas atômicas sobre
Hiroshima e Nagasaki
no Japão
não se repetem hoje com horror
no World Trade Center
e no Pentágono
dos Estados Unidos?

Sem nenhum aviso prévio.

Em silêncio. De avião.

16.09.01

Ó PALAVRA!

“Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir!” (Jr 20, 7)

Ó Palavra,
brotada do coração
e escrita em pergaminho,
no fundo da prisão de Jeremias,
corre em público, Voz de Deus,
feito manso riachinho,
vai ao Templo para ser ouvida.
Ó gládio de dois gumes,
penetra o coração do povo,
e se converta de seu mau caminho!

Ó Palavra,
cresce como rio torrencial,
e toma as salas das autoridades
eclesiásticas, políticas, econômicas,
e tua autoridade as assombre.
De manhã, à tarde e à noite,
seja ela um duro açoite
a fustigar-lhes a autossuficiência,
para que eles também se arrependam
e se convertam de seu mau caminho!
Ó Palavra,
feito onda avassaladora,
invade o palácio dos poderosos.
E ainda que te rasguem aos pedaços,
e aos pedaços te queimem num braseiro,
indiferentes às maldições e bênçãos
apontadas por ti, Verbo de fogo,
grita do meio das labaredas,
em resposta ao martírio que te fazem,
que se convertam de seu mau caminho!

Ó Palavra,
multiplica-te pelo mundo
em mil variegadas edições,
em mil línguas, por mil nações,
vagueia pelo espaço da Internet,
e adentra, Mar Infinito, em todo lar,
e inunda os corações das criaturas:
que neste e noutros mundos
todos se arrependam,
e se convertam de seus maus caminhos.

30.09.2001

DIA DA PROFESSORA IVETE

O ideal,
no início da juventude,
palpitava-te no peito
durante o curso normal.

Não tem jeito,
Quixote da Educação
cada Mestre em sua escola
terça as armas satisfeito!

Não consola
saber que multiplicaste
muitas luzes pelas terras
enquanto a vida se evola?

E se encerra
tua gloriosa carreira
no silêncio de Alvinlândia,
de mestres Mestra primeira!

15.10.2001

MISTÉRIO DE ITAICI

O Mistério da Salvação
se esconde no Mosteiro.

O Mosteiro se extasia
no templo da Natureza.

A Natureza reza
no templo do Universo.

O Universo é acolhido
no seio de Deus.

Deus penetra tudo
com o silêncio de seu Mistério.

20.10.2001

PRESÉPIO

O mundo é um Presépio:
bem no coração do humano
se esconde o divino.

05.01.2002

RESISTÊNCIA (3)

Os povos indígenas,
massacrados, resistiram:
e sobreviveram.

20.01.2002

OUSADIA (1)

Sem medo, Davi
prostra o gigante Golias:
cai a prepotência!

20.01.2002

DUPLA

Francisco e Tomás
abandonaram o ter
para apenas ser.

06.03.2002

BEATRIZ

A vida é um sonho
que se constrói de repente
ao longo do tempo!

09.05.2002

ARTE

A arte de Pastro:
diviniza as criaturas,
e humaniza a Deus.

25.05.2002

REVOLUÇÃO (2)

A revolução

é fonte que se faz rio:
sai de dentro e cresce.

07.06.02

VITÓRIA

Preso, Prometeu
resiste ao bico do abutre:
e espera vencê-lo.

06.07.2002

EDUCAÇÃO

A águia força o voo
dos filhotes ao tirar
a paina do ninho.

19.08.2002

CAMINHO

Minha alma navega
nas ondas frágeis da vida.
Mas olha o infinito!

08.10.2002

FRATERNIDADE

Ovídio, no exílio,
se acostuma ao inevitável:
e se irmana aos bárbaros!

24.12.2002

OUSADIA (2)

Na primeira vez
até Ulisses sente medo:
mas vence a ousadia.

02.01.2003

CONFIANÇA

No meio das dores,
Ulisses confia em si:
e confronta os deuses.

31.07.2003

O CRISTO DE GAUGUIN

Pintaste um quadro, Gauguin,
semelhante a tantos quadros,
tão diferente, no entanto:
um Cristo crucificado,
tendo aos pés gente do povo!

Teu gênio modificou
o comum em obra rara,
ao trazer para teu tempo
a redenção de outros tempos,
feita um dia no Calvário.

Passa-se a cena num campo,
onde as árvores tão tuas
crescem no vale e em colinas,
estradas cortando a cena,
de onde emerge a cruz com Cristo:

um Cristo todo amarelo
com tons azuis, todo exangue
mas como se vivo fosse,
disposto a abraçar o mundo
com seus braços sempre abertos.

E a natureza reflete
sobre si o palor da morte,
assustada e solidária
com o morto Autor da vida,
pronto à vida a retornar.

Aos pés da cruz colocaste
não as figuras de sempre
mas mulheres de teu tempo,

talvez conhecidas tuas,
sentadas a trabalhar!

Mas, Gauguin, alguma coisa
me diz que o Crucificado
na cruz, de rosto sereno,
eras tu mesmo, aceitando
essa humana condição.

As cores dessa obra prima,
em seu conjunto sugerem
a aurora anunciando o sol
- a ressurreição do mundo,
das coisas e das pessoas!

19.11.2003

AS FLORES DA UI

(Aos adolescentes e funcionários da UI Marília)

No jardim da UI Marília,
cercada de altas muralhas,
medram mil tipos de flores
a encantar a nossa vista.

Ninguém as vê lá de fora,
e alguns da UI também não,
mas em silêncio elas crescem
naquele isolado chão.

Delas cuidam os meninos,
que com elas se parecem:
pois, quando deles não cuidam,
como elas também fenecem.

Capitães e Pingos de Ouro,
Éricas, Palmas, Roseiras,
Azaléias, Cravos, Goivos,
os Gerâneos, e as Hortências,

os Bicos-de-Papagaio,
Onze Horas, Damas-da-Noite
vicejam pelo jardim
de mil jeitos, com mil cores.
O jardim é dividido
por coleante alameda,
em cujas bordas dão sombra
e flores dão os Ipês.

Por Agentes orientados,
os internos têm a peito
olhar da terra e das mudas
e regá-las de água fresca.

Tomam conta de manhã,
e ao fim do dia também:
pois Vida exige atenção
para se desenvolver.

E elas sentem o carinho,
e o retribuem com graça,
feito crianças felizes
brincando alegres na praça!

05.12.03

LIBERDADE (3)

Pássaro cativo,
invejo o voo infinito
dos pássaros livres!

15.01.2004

TRANSFORMAÇÃO

No monte, Moisés
conversava com Javé:
e se transformava!

29.03.2004

GABRIELA

Nasceu Gabriela:
anjo ou estrela, nasceu
só para brilhar!

22.04.2004

LIBERTAÇÃO

“ Por isso desci para libertá-los do poder dos egípcios... ” (Ex 3, 8)

“ Não tenham medo. Fiquem firmes... ” (Ex 14, 13)

Enquanto os Israelitas atravessam
a pé, correndo, o chão do Mar Vermelho,
separado por vento impetuoso,
vislumbram pela frente a liberdade,
a Terra Prometida por Javé,
terra onde corre leite e mel, e atrás
percebem o furor do Faraó,
contra cuja opressão se rebelaram
no Egito, onde viviam como escravos.

Em meio á angústia dessa travessia,
o que preferis vós, ó Israelitas:
o sonho de viverdes como irmãos,
solidários, felizes, realizados,
cada qual usufruindo seu direito?
Ou voltardes à triste servidão
de fazer a vontade do tirano
a troco de cebolas e de carnes
que sustentam o corpo e matam a alma?
Mas não! Avante, ó filhos de Israel,
para coisas mais altas vós nascestes!
Libertai-vos do medo do opressor,
correi o risco, amai a liberdade,
todos juntos amai, como um só homem.
E vereis, de repente, como é frágil
o todo-poderoso rei do Egito:
ele esquecido para sempre; e vós
para sempre vivendo na alegria!
(Aos companheiros da UI MARÍLIA em greve)

09.07.2004

OUSADIA (4)

“Ousa tanto quanto podes”

(Do hino Lauda, Sion,
atribuído a Tomás de Aquino)

1.

Irmãos de Ulisses,
O aventureiro,
Corremos riscos
O tempo inteiro.

2.

A paz doméstica
Nos cansa a vida:
Nossa alma é
Muito atrevida!

3.

O que buscamos
Além das lindas?
Ou desenganos
Ou sonhos lindos!

4.

Contra o costume
- A inovação;
E, contra o medo,
Muito tesão!

5.

O que é a morte
Senão o mar
Que temos todos
De atravessar?

6.

Deixamos pátria
Se seguranças,
Porque vivemos
Só de esperança.

7.

Ao longe, Tróia
Nos desafia,
Nos predispondo
Sempre à porfia.

8.

Depois vem Circe,
Vem Polifemo,
Depois Calpso
Mais as Sereias.

9.

Volta-se a Ítaca,
Quando cansados,
Enfim, de glória
De ter ousado.

CÂNTICO DAS RUÍNAS

Que é de Assíria?
Que é de Grécia?
Que é de Roma?
Que foi feito
dos impérios
de outros tempos?
Eram grandes,
eram fortes!
E cresceram,
dominaram
outros povos!
O que é deles?

Só sobraram,
ai! poemas
ou ruínas!
Seus poemas,
frutos da
liberdade,
para sempre
guardam a alma
imortal
do passado.
As ruínas
são os restos
de seu corpo.

Versos vivem;
corpos morrem!

28.10.2004

A TORMENTA

Ulisses deixa enfim
a ilha da Felicidade,
depois de conviver
por tempos com a bela Circe.
Preferindo a liberdade
à eterna sujeição
de sua vida à perfeição da Ninfa,
tenta voltar a Ítaca,
imperfeita mas real,
e atira a jangada ao mar.

Mas opunham-se a Ulisses
alguns deuses inimigos,
decididos à vingança
contra o astuto guerreiro.
Netuno com seu tridente
agita as muitas águas,
cujas ondas se encapelam,
e põe à prova as forças
do audaz navegante,
sozinho em alto mar!

E enfrenta Ulisses a tormenta
com mais força do que quando
contra Tróia combatia.
Porque estava agora só
contra as ondas agitadas,
dia e noite, noite e dia,
sobre os restos da jangada
sem ver do mundo mais que água;
abandonado pelo céu e pela terra,
para si mesmo apelava.

Onde está minha família?
Companheiros, onde estais?
Mais vale morrer em grupo
do que sozinho lutar!
Porém, no meio do mar,
na aflição desta tormenta,
me vejo só, eu consigo,
a enfrentar o pesadelo,
a suportar o castigo
de deuses tão furibundos.

Até que um dia, findo o horror,
atirado pelo mar às alvas praias
da terra dos feácios,
exausto e desfalecido,
Ulisses acorda entre as graças
de delicadas donzelas.
E o rei e o povo, hospitaleiramente,
homenageiam o herói
de aventuras e desventuras,
e o levam à sua Ítaca !

04.11.2004

CANARINHO

Mesmo preso,
o que faz o canarinho?
Ou trina para os outros,
ou trina sozinho!

04.11.2004

MINHA TERRA PROMETIDA

“Tomem posse de toda a terra de Canaã...” (Dt 1,7)

Canaã, ó Canaã,
minha Terra Prometida,
onde corre leite e mel!

1.

Eras o Jardim do Éden,
onde Javé passeava,
à tarde com nossos pais.

Promessa feita a Abraão,
eras o sonho do povo,
no tempo cruel do Egito.

Utopia coletiva,
animaste a travessia
do povo no Mar Vermelho.

Canaã, és a esperança
de um tempo novo e feliz
em meio ao duro deserto.

Canaã, dom de Javé,
conquista de Israelitas,
fruto de graça e de esforço!

2.

Mas aos poucos nossos pés
até Canaã chegaram,
sem vislumbrar Canaã.

A terra de nossos sonhos
é uma arena de conflitos
que nos cabe suportar.

Nela existe o bem e o mal,
dentro e fora de nós mesmos
tentando se superar.

E no meio de tal guerra
ansiamos por um alívio
nesta vida atribulada.

3.

E te descobro, ó Javé,
verdadeira Canaã,
onde enfim descansarei.

Tu és promessa e sossego,
és o próprio Paraíso
que sempre se faz achar.
Não te encontras no passado,
nem no futuro te encontras,
pois és o Eterno Presente:

nos diálogos do Éden,
na amizade com Abraão
corre sempre leite e mel.

Pois tu és a Vida Eterna,
possuída nesta vida
e para sempre gozada!

16.12.2004

FLOR DO DESERTO

“...cheio de flores, o deserto cantará de alegria.” (Is 35,2)

Nas areias do deserto,
Ana Paula, descobri-te
verdadeira israelita!

Não te contentas em ser
livre, bem longe do Egito,
a terra da servidão.
Não te agrada, eu sei, também
arrastar-se no deserto
a viver de codornizes
ou do maná milagroso
da cotidiana rotina.
Não tens saudades, oh! não,
das cebolas e das carnes
do Egito, em si tão amargas.
Nem adoras o Bezerro
de ouro, em torno do qual
tantos dançam de contentes.

Através desse deserto,
caminhas com tua gente.
E lutas contra inimigos
a impedir o nosso avanço
em busca de Canaã,
a terra da promessa,
onde corre leite e mel.
Não te assustam os gigantes
postados pelo caminho.
Pois não basta a liberdade
para andarmos no deserto;
junto com ela buscamos

uma terra dividida
fraternalmente entre todos.

Apesar de nossas lutas,
como demora a conquista
da sonhada Canaã!
Mas tens também a utopia
de consegui-la afinal.
Parece estarmos ainda
no deserto, mas já estamos
por causa de nosso sonho,
palmilhando a nova terra,
onde corre leite e mel.
Ei-la a Terra Prometida,
ela está dentro de ti:
como se parecerá
com teu nobre coração!

Por causa dessa utopia,
autêntica israelita,
tu és a flor do deserto!

(À companheira Ana Paula, do Setor Administrativo)

22.12.2004

O MAL DA PERFEIÇÃO

ULISSES, não és feliz,
Enquanto vives com CIRCE,
A Ninfa perfeita.

Por quê, se ela oferecia
Ao herói um belo corpo
Na rica mansão?

Se com ele caminhava
Em sua opulenta Ilha,
Onde tinha tudo?

Acordava na abundância,
Na abundância se deitava
Ao lado de CIRCE.

Com ela tinha prazeres;
Mas no fundo de sua alma
Não era feliz.

Sentia saudades de Ítaca
- casa, terra e reino seus -
Agora seu sonho.
Sentia até nostalgia
Da guerra na grande Tróia
Junto aos companheiros.

Nos momentos de silêncio
Ao lado da Perfeição
De CIRCE e sua Ilha,

ULISSES chegava a ter
Saudades dos sofrimentos
Sentidos no mar.

Estranho contraste n' alma:
Em meio à satisfação
Achava-se só!

Vencida a necessidade,
Perdera a sua liberdade
Na rica Ilha Ogígia.

Faltavam-lhe desafios,
Obstáculos lhe faltavam:
Tudo estava pronto!

Buscava dentro de si
Ir além de seus limites,
Romper as barreiras,

Ter a glória das conquistas,
Sem nada ter dentro ou fora,
Ser senhor de si.

Os bens que CIRCE te dava
Satisfaziam-te, ULISSES,
Todos os sentidos,

Mas prendiam-te o espírito
Que, atado no próprio corpo,
Vivia em tristeza.

Preferiu correr o risco
De lançar-se em alto mar,
Ir atrás do sonho.

E, com ajuda da Ninfa,
Deixa a bela Perfeição
Com a cornucópia,

E, na inconstância do mar,
Sai em busca do imperfeito
E sua alegria.

Voltou a necessidade,
E a liberdade de ULISSES
Voou para o sonho!

05.01.05

SEDUÇÃO (DA MORTE)

Sou um pássaro
Cativo
Mas me obrigo a cantar.

Mais distante,
O gato
me envolve com o olhar.

Onde estão
Os outros
Com quem me consolava?

Cada qual
Aos poucos
Silenciou na gaiola.

E lá embaixo
O gato
Fixa em mim os seus olhos.

Mesmo só
Eu canto
Esperando o pulo do gato.

04.08.2005

AGONIA DE SÃO JOÃO DA CRUZ

“Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu!”

(Cântico dos Cânticos 6,3)

Frei João, frei João, o que pedes
Não tem sequer cabimento,
Nessas horas de agonia:
Deixar as preces de lado
Para ouvir, no sofrimento,
Versos de doce poesia?

“Mas é o Cântico dos Cânticos”

(Fala frei João radiante)

“De quem está a morrer
De amor por Deus, seu amante.
A vida inteira gostei
De tal poema entender!”

Mas, frei João, e tu não achas
Que a morte é um negócio sério
A exigir muita oração?
Neste tão grave momento
Não temes as trevas do inferno
E as armadilhas do Cão?
“Meus irmãos, o que é a morte
Senão a angusta passagem
da vida mortal à eterna?
Para quem tem Deus por norte
Não há por que temer nada.
A morte ou a vida é terna!”

Não seria presunção
O que acabas de dizer?
Mesmo dentro do mosteiro,

Cuidado com a tentação
No momento derradeiro,
Ó bom poeta frei João!

“Recitai-me, recitai-me
O Cântico apaixonado
De amor da esposa e do esposo,
Rei e rainha tornados,
Para viverem felizes
No reino mais encantado!”

Escuta, pois, ó frei João,
Do Cântico os doces versos,
E a todos Deus nos perdoe!
“...o seu perfume é suave...
Oh! leve-me com você
...você é encantador!”

“Eis as verdadeiras preces
Para o instante da agonia!
Quem só de amor viveu sempre
Pensa morrer só de amor!
Apaixonado vivi,
Sufocado de amor morro!”

“Desvie os olhos de mim
Porque eles me perturbam.
Minha noiva, meu amor,
Você é um jardim fechado.
És fonte de meu jardim.
Deixe-me entrar, ó amada!”

“Ó meu Deus, minha paixão,
Enlouqueces a minha alma

Quando me mostras a face,
E sofro quando te escondes.
Como cervo à beira d' água,
Por ti aspiro, ó Senhor!”

“Eu sou do meu bem-amado
E o meu bem-amado é meu”
“Eu amo somente uma,
Aquela que é perfeita!”
“Por que vocês querem ver-me
Dançando a dança da noiva?”!

“Vem, ó Amor, vem depressa
Minha alma dessedentar.
Realiza os sponsais
Dos noivos na eterna festa.
Ambos nus, sejamos um
Nessa loucura do amor!”

“Você é tão graciosa
Como a palmeira...e seus seios
São como cacho de tâmaras.”
“Guarde o meu nome no peito...
Pois o amor é mais forte
Do que a morte, irmão, morramos!”

“Morramos, pois, minha irmã,
Morramos de amor, morramos,
No terno infinito abraço,
nesta suave manhã!”
Termina assim a agonia
Do apaixonado frei João.

19.10.2005

MINHA SALA DE TRABALHO

A minha sala
Lembra o exílio:
Ali me puseram
Os deuses do Olimpo.
Ali pago a pena
De incansável Sísifo:
De manhã à tarde
Levo morro acima
A pedra pesada
Da dura rotina.

Mas minha sala
Se muda nas Ilhas
Mais Afortunadas
Na hora do almoço.
Ali me acolhem
As doces Musas,
E voou no infinito
Da Liberdade.
Ali sou Prometeu
A inventar o fogo.

Minha sala então
A qualquer momento
É Jardim do Éden
Ou lugar de tormento.
Sozinho com Musas
Eu vivo no céu;
Em meio aos outros,
No purgatório.
Ora sou escravo,
Ora sou livre. **25.10.05**

VIAGENS COM PRISCILA

Afinal, o que é, Priscila,
Nosso diário trabalho
Senão um longo intervalo
Entre viagens de ida e volta
De casa para o serviço?
Que meias horas fecundas
De ideias e opiniões trocadas
Sem sair de tua Montana!

Através desse diálogo
Parece que se desfazem
As névoas paralisantes
do medo através do sol
da ousadia – força interior
a nos impulsionar
para além dos limites,
sem sair de tua Montana!

Entre instantes de silêncio,
Quando as palavras ecoam,
A cada dia ascendemos
Por galáxias sempre novas
Dos mais diversos assuntos.
É um voo de Liberdade
Para além da Necessidade,
Sem sair de tua Montana!

As viagens com Priscila
São fantásticos oásis
Onde paramos com gosto
No deserto do dia-a-dia!

31.10.05

SONETO AO PÉ DE ESPIRRADEIRA

“Eu estou sendo, dizia a árvore do jardim.”

(Clarice Lispector – Uma aprendizagem)

Todo dia te vejo, ó pé de Espirradeira,
Estrelada de róseas flores a tua copa,
Defronte à minha casa, e cheiro o bom perfume
Das pétalas gentis em meio às firmes folhas.

E sob a tua fronde admiro, sempre em êxtase,
Toda a policromia do verde e do rosa
Em contraste ao azul do céu e ao casto branco
Das nuvens a vagar à toa pelo espaço.

És a imagem do probo cidadão, feliz
Por florir pela vida afora, e perfumar
Toda a cidade com o cheiro das virtudes.

Modesto no teu canto, ó pé de Espirradeira,
Tu encantas os simples transeuntes, certos
De que na vida importa mais que ter, o ser!

(Aos pés de Espirradeira da cidade de Garça)

27.12.05

MEU POEMA

Meu poema o que é
Diante de tantos poemas
Espalhados pelo mundo?

O que é nossa terra
Em meio a milhares de planetas
De tantas constelações:

Um pequenino nada
Cheio de ilusões.
Mas único. E é meu!

25.01.2006